



Identities Quilombolas: repensando a hibridização além das dicotomias

Fabio Gimovski

Doutorando, Universidade Positivo, Brasil

fabiogimovski@hotmail.com

ORCID 0000-0002-5020-1746

Cintia Mara Ribas de Oliveira

Professora Doutora, Universidade Positivo, Brasil

cmaras@up.edu.br

ORCID 0000-0002-0051-9991

Submissão: 08/10/2024

Aceite: 05/11/2024

GIMOVSKI, Fabio; OLIVEIRA, Cintia Mara Ribas de. Identidades Quilombolas: Repensando a hibridização além das dicotomias. *Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista*, [S. l.], v. 20, n. 5, 2024.

DOI: [10.17271/1980082720520245262](https://doi.org/10.17271/1980082720520245262)

Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/forum_ambiental/article/view/5262

Licença de Atribuição CC BY do Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Identities Quilombolas: repensando a hibridização além das dicotomias

RESUMO

Este ensaio analisa criticamente as identidades das comunidades quilombolas brasileiras como processos contínuos de hibridização cultural. Argumenta-se que perspectivas estáticas, essencialistas e dicotômicas como tradicional versus moderno e rural versus urbano são insuficientes para apreender a complexidade dessas experiências. Em contrapartida, propõe-se compreendê-las por meio de aportes teóricos pós-coloniais e decoloniais sobre hibridismo, tradução cultural e interseccionalidade. Demonstra-se como, desde sua gênese nos quilombos coloniais, esses grupos protagonizaram negociações criativas entre distintas matrizes africanas, indígenas e mais tarde urbanas em complexas estratégias de resistência. Explora-se a natureza intrinsecamente fluida, múltipla e transcultural das identidades quilombolas, permeadas por tensões e hibridismos internos de gênero, geração, classe e território. Por fim, apontam-se implicações para a formulação de políticas públicas interculturais e pesquisas participativas que valorizem os contínuos processos de reinvenção identitária protagonizados por essas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombos. Hibridismo Cultural. Identidades Negras. Interseccionalidade. Decolonialidade.

Quilombola Identities: rethinking hybridity beyond dichotomies

ABSTRACT

This essay critically analyzes the identities of Brazilian quilombola communities as continuous processes of cultural hybridization. It argues that static, essentialist, and dichotomous perspectives, such as traditional versus modern and rural versus urban, are insufficient to grasp the complexity of these experiences. Instead, it proposes understanding them through postcolonial and decolonial theoretical approaches to hybridity, cultural translation, and intersectionality. The study demonstrates how, since their genesis in colonial quilombos, these groups have engaged in creative negotiations among diverse African, Indigenous, and later urban matrices in complex resistance strategies. It explores the inherently fluid, multiple, and transcultural nature of quilombola identities, shaped by internal tensions and hybridizations of gender, generation, class, and territory. Finally, it highlights implications for the formulation of intercultural public policies and participatory research that value the ongoing processes of identity reinvention led by these communities.

KEYWORDS: Quilombos. Cultural Hybridity. Black Identities. Intersectionality. Decoloniality.

Identities Quilombolas: repensando la hibridación más allá de las dicotomías

RESUMEN

Este ensayo analiza críticamente las identidades de las comunidades quilombolas brasileñas como procesos continuos de hibridación cultural. Se argumenta que perspectivas estáticas, esencialistas y dicotómicas, como tradicional versus moderno y rural versus urbano, son insuficientes para captar la complejidad de estas experiencias. Por el contrario, se propone comprenderlas a través de enfoques teóricos poscoloniales y decoloniales sobre hibridismo, traducción cultural e interseccionalidad. Se demuestra cómo, desde su génesis en los quilombos coloniales, estos grupos han protagonizado negociaciones creativas entre distintas matrizes africanas, indígenas y más tarde urbanas, en complejas estrategias de resistencia. Se explora la naturaleza intrínsecamente fluida, múltiple y transcultural de las identidades quilombolas, permeadas por tensiones e hibridaciones internas de género, generación, clase y territorio. Finalmente, se señalan implicaciones para la formulación de políticas públicas interculturales e investigaciones participativas que valoren los continuos procesos de reinvencción identitaria protagonizados por estas comunidades.

PALABRAS CLAVE: Quilombos. Hibridación Cultural. Identidades Negras. Interseccionalidad. Decolonialidad.



INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas representam uma parcela significativa da população afro-brasileira e constituem um dos principais símbolos de resistência negra contra a opressão secular do sistema escravocrata. Oriundas dos ancestrais africanos escravizados que ousaram desafiar a ordem vigente e construir assentamentos autônomos conhecidos como quilombos, essas comunidades passam a ser vistas como centros de resistência e carregam consigo uma herança de luta, resiliência e manutenção de tradições e modos de vida enraizados em suas cosmovisões afro-diaspóricas (Carneiro, 1957; Nascimento, 1985; Silva & Souza, 2022). Clovis Moura, em sua obra sobre a Sociologia do Negro Brasileiro (1968), aponta para a controversa compreensão do negro na sociedade brasileira partindo dos estudos de Nina Rodrigues (1935), que viam o negro como biologicamente inferior, passando por Arthur Ramos (1953) e sua interpretação culturalista da condição histórico-social, bem como, observa também a visão de Gilberto Freyre (1981) sobre a harmonia entre exploradores e explorados; segundo Moura (1968), tais autores contribuíram para um pensamento não isento de preconceitos.

Nesse sentido os estudos sobre etnicidade, priorizando mais a observação em campo e menos a produção de dados por dedução (Barth, 1967), sinalizam para uma mudança contínua das culturas. Assim sendo, as identidades quilombolas contemporâneas não se limitam a meras reminiscências do passado, mas expressam um contínuo processo de reexistência, afirmação cultural e luta por direitos (Arruti, 2006). Como bem apontado por Munanga e Gomes (2006), o processo de resistência envolveu a denúncia da situação de exploração socioeconômica bem como a superação da discriminação racial. Mais do que simplesmente refúgios, os quilombos emergiram como espaços de resistência que se configuraram como símbolos étnicos na luta contra o racismo (Gomes, 2015). No entanto, apesar de sua inegável relevância histórica e sociocultural, as comunidades quilombolas ainda enfrentam grandes desafios em termos de invisibilidade social, precariedade de políticas públicas e ameaças a seus territórios tradicionais (Marinho, 2017). Parte desses desafios pode estar relacionada a uma compreensão limitada e, por vezes, estereotipada de suas identidades por parte do Estado e da sociedade envolvente.

As dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas também se relacionam às lentes analíticas através das quais suas identidades têm sido historicamente interpretadas. Grande parte dos estudos e políticas públicas ainda se ancoram em abordagens binárias e essencialistas que tendem a enquadrar os quilombos em dicotomias simplistas, como tradicional versus moderno, rural versus urbano, autêntico versus aculturado (Arruti, 2006; Gusmão, 1997). Essa visão dicotômica acaba por impor uma falsa ideia de autenticidade atrelada à imutabilidade cultural, desconsiderando os constantes fluxos, trocas e ressignificações que moldam as identidades quilombolas ao longo do tempo. Como argumenta Bhabha (1998), a representação da diferença permite a identificação imaginativa com o outro, ou seja, o desejo de reconhecimento que em síntese não deve ser lido apenas como reflexo de traços culturais. As identidades são relacionais, fluídas e estão em constante devir, esse movimento contínuo de



forma que não é somente o contato com outros grupos que ajuda a definir identidades, mas também como afirma Barth (1967), o vínculo com o ambiente se torna determinante.

Diante desse cenário, o presente ensaio tem como objetivo central analisar criticamente os processos de hibridização identitária vivenciados por comunidades quilombolas brasileiras, incluindo-se a própria individuação constantemente negligenciada em camadas populares. Ao invés de enquadrá-las em paradigmas fixos de autenticidade ou aculturação, busca-se aqui compreender as identidades quilombolas como construções híbridas, múltiplas e em constante trânsito, como no movimento de hibridização analisado por Canclini (2001) em que todas as culturas são consideradas de fronteira, ou seja, desenvolvem-se em relação a outras culturas intercambiando pontos de comunicação e conhecimentos.

A noção de hibridismo cultural será mobilizada não apenas para desconstruir oposições binárias simplistas, mas também para revelar como os quilombos se constituíram historicamente por meio de processos ativos de incorporação seletiva, reinterpretação e reinvenção de elementos externos em intersecção com suas matrizes africanas (Arruti, 2006). Assim sendo, a tradição popular é associada a um local de preservação de cultura pois está diretamente relacionada a resistência, longe de ser considerada conservadora, a cultura popular é transformadora (Hall, 2003). Esse caráter dinâmico e processual das identidades híbridas será explorado ao longo do ensaio, bem como a perspectiva essencialista que também tende a homogeneizar as comunidades quilombolas, ignorando as múltiplas intersecções de raça, gênero, classe, geração e as diversidades internas a cada grupo (Ratts, 2006). Não há uma perda de autenticidade na hibridização, pois ela possibilita que as identidades quilombolas recriem-se continuamente como estratégia de resistência frente às violências da escravidão e do racismo estrutural (Eugenio e Lima 2014).

Por sua vez, interseccionalidade é um conceito que reconhece que cada indivíduo possui múltiplas identidades sobrepostas, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, deficiência, entre outras (Collins, 2015). Essas identidades se cruzam e interagem de maneiras complexas, criando experiências únicas de privilégio ou opressão. Em outros termos, interseccionalidade significa entender que uma pessoa não é apenas mulher, ou apenas negra, ou apenas deficiente, por exemplo. Ela é uma combinação dessas identidades e outras mais, e essa combinação única molda suas vivências e desafios de forma distinta daqueles enfrentados por alguém com um conjunto diferente de identidades. Para o conceito de interseccionalidade as formas de discriminação e desvantagem não existem de maneira isolada, pois elas se sobrepõem e se reforçam mutuamente. Crenshaw (1989) discute como mulher negra, por exemplo, pode enfrentar discriminação não apenas por ser mulher, mas também por ser negra, e a interseção dessas duas identidades cria uma experiência particular.

Faz-se urgente, portanto, superar essas dicotomias simplistas e reconhecer as identidades quilombolas como processos dinâmicos e plurais, marcados por constantes negociações, trocas culturais e ressignificações criativas diante das adversidades históricas enfrentadas. Dessa forma, para iluminar as complexas negociações e ressignificações presentes na conformação identitária quilombola pretende-se trazer uma lente analítica capaz de valorizar as multiplicidades e a fluidez às experiências identitárias quilombolas contemporâneas.



Somente através desse olhar crítico será possível avançar em políticas públicas e abordagens acadêmicas mais sensíveis e adequadas às realidades dessas comunidades.

Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica incluindo-se perspectivas teóricas definidas pelas seguintes palavras-chave: hibridização cultural, identidade, quilombolas, diversidade cultural, interseccionalidade e resistência contra práticas coloniais. Foram analisados 52 artigos científicos e 20 livros, de forma a posicionar o artigo dentro do corpo existente de conhecimento, dialogando com obras-chave nos campos dos estudos pós-coloniais e decoloniais. Buscou-se, sobretudo realizar uma leitura crítico-dialética que enfatizasse a multiplicidade que o tema da hibridação cultural proporciona.

DESCONSTRUINDO DICOTOMIAS

As dicotomias tradicional versus moderno e rural versus urbano têm sido aplicadas acriticamente em estudos de comunidades tradicionais e se tornam ainda mais evidentes nas interações entre populações rurais e urbanas (Ocampo, 2019). Em relação às comunidades quilombolas o lento processo de titulação de terras nas áreas rurais e os espaços etnicamente construídos nas áreas urbanas realçam ainda mais estas dicotomias (Treccani, 2006; Silva e Tomazi 2019; Pereira e Oliveira 2019). Os quilombos são estruturas complexas que não se encaixam em explicações simplistas, podendo ser um mito que seus integrantes sejam considerados em alto grau de origem africana (Reis e Gomes 1996). O trabalho tradicional desenvolvido em comunidades quilombolas, como aponta estudo realizado em Palmas, no Paraná (Alves e Bernartt, 2021), serve como meio de preservação da cultura e da identidade, uma vez que as comunidades da região antecedem a própria criação do município. Esses estudos ressaltam a necessidade de se desafiar a aplicação acrítica dessas dicotomias em estudos quilombolas.

Essas oposições binárias tendem a enquadrar os quilombos em uma suposta condição de isolamento, antagonizando-os às dinâmicas da modernidade e dos espaços urbanos. No entanto, essa visão revela-se simplista e equivocada diante da complexidade das experiências quilombolas (da Silva, 2014). Por exemplo, o conhecimento tradicional das plantas medicinais em uma comunidade quilombola do sul da Bahia é essencial para a sua manutenção sociocultural e desenvolvimento sustentável (Mota e Dias 2012), ou seja, o etnoconhecimento agrega-se à biodiversidade local para fortalecer a própria cultura da comunidade. Como argumenta Canclini (2001), as culturas tradicionais revelam sua função contemporânea quando se investiga o passado, bem como, há uma necessidade do mercado em abranger as culturas tradicionais na comunicação de massa a fim de alcançar as camadas menos integradas à modernidade.

Dessa forma, é possível considerar que não existem manifestações culturais estáticas, pois há uma fusão entre culturas rurais e urbanas. Os quilombos não são imunes aos fluxos, influências externas e transformações advindas de seu entorno, e a natureza dinâmica das culturas tradicionais, entrelaçadas com as culturas rurais e urbanas, é a manifestação da hibridização. No contexto de urbanização e modernização, a partir da visão de quebra de fronteiras, a natureza complexa das comunidades tradicionais muitas vezes se revela

incompreendida, como apontam Bessa-Oliveira e Simão (2016), ao analisarem comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul. Se considerada a função da memória coletiva, essa complexidade relatada se manifesta também na resistência de jovens, principalmente, em se assumirem como quilombolas (Carvalho, 2019). É o impacto da modernização na cultura rural que sublinha a memória individual conectada à memória coletiva e evoca um mundo assentado em relações de comprometimento mútuo cuja natureza fluida, própria das culturas tradicionais rurais, distancia-se das relações urbanas.

A própria ideia de tradicional é uma construção que não reconhece os processos e escolhas que negros e indígenas fazem para existir como sujeitos étnicos em um país racista, haja vista a demora do pensamento acadêmico em aceitar como linha de pesquisa os quilombos – com exceção do quilombo de Palmares (Ratts, 2006). As práticas e expressões culturais quilombolas são inerentemente dinâmicas, resignificadas conforme as necessidades de cada grupo. Ademais, as fronteiras entre o rural e o urbano são cada vez mais fluidas e questionadas pelos movimentos migratórios e circuitos de troca entre cidades e comunidades tradicionais (Alves e Bernartt, 2021). Muitos quilombos vivenciam realidades híbridas, incorporando elementos urbanos sem perder seus vínculos territoriais e identitários, nesse sentido a identidade étnica pode ser compreendida como orientada para o passado, menos como ciência histórica e mais como memória coletiva em que histórias míticas também se tornam importantes para a definição dessas identidades (O'dwyer, 2002).

A suposta oposição entre tradição e modernidade também é complexificada pelas múltiplas temporalidades existentes em comunidades tradicionais (Ocampo, 2019). A expectativa de encontrar uma tradição resguardada de mudanças não se coaduna com a realidade, ou seja, caso não houvesse variações, tanto no tempo quanto no espaço, correr-se-ia o risco de determinar uma identidade desconhecida dos próprios quilombolas, um universo social distante de sua realidade (O'dwyer, 2002). Portanto, abandonar dicotomias simplistas e reconhecer que as identidades quilombolas se constituem a partir de processos de hibridização, nos quais elementos vistos como modernos são constantemente resignificados e amalgamados às suas cosmologias e práticas tradicionais é essencial. As fronteiras que supostamente separam as comunidades quilombolas de outros grupos socioculturais revelam-se muito mais fluidas e porosas do que comumente se imagina. Longe de existirem como ilhas isoladas, ou seja, imunes às influências externas, os quilombos estão imersos em constantes trânsitos, visão em consonância ao que discutem Eugenio e Lima (2014) ao abordarem trocas e resignificações interculturais.

Hall (2003) critica a ideia de culturas puras ou intocadas, argumentando que o desenvolvimento das culturas é fruto de processos hibridizantes. As identidades culturais, portanto, estão continuamente se deslocando, migrando e sendo transformadas. No caso quilombola, esses contínuos trânsitos podem ser observados nas próprias dinâmicas de formação e expansão territorial ao longo da história. Constituindo-se por meio de um constante movimento de aliança e trocas de territórios, mercadorias e saberes com outros grupos (Arruti 2006; Eugenio e Lima 2014). E, nesses movimentos, revisita-se a própria noção de raça não mais passando por laços de sangue e menos ainda por sinais fenotípicos, mas sim por uma unidade social que combina formas de resistência consolidadas historicamente e que levam a uma



coexistência coletiva (Almeida, 2002). A complexidade das vivências quilombolas se perde em meio a estereótipos ou idealizações que mascaram suas reais necessidades, destarte, ainda que, como afirmam Audebert et al. (2022) o conceito de raça tenha sido revisto cientificamente como construção social, as relações entre grupos raciais distintos são marcadas por relações de poder.

Ademais, no mundo globalizado, os trânsitos se intensificam com os meios de comunicação, deslocamentos populacionais e redes de articulação do movimento quilombola. Um exemplo é a análise realizada na comunidade quilombola Kalunga, em Goiás (Fernandes e Lopes 2019), em que se demonstra como esses grupos manejam criativamente elementos rurais e urbanos, tradicionais e modernos em sua vida cotidiana afim de reinterpretarem a própria cultura. São conhecimentos tradicionais singulares que dão acesso a plantas fitoterápicas além de alimentação humana e animal, como aponta estudo mais recente realizado na mesma comunidade (Paim et al., 2023). A manutenção de saberes tradicionais como essencial para as comunidades é corroborada por estudos que destacam o papel da oralidade na forma de transitar entre as gerações e se vincular ao passado fazendo com que o ancestral e o contemporâneo convivam em harmonia, a exemplo do estudo realizado na comunidade quilombola Mimoso, no Tocantins (Alves et al., 2020) que enfocou a relevância de narrativas orais para o estabelecimento de territorialidades. Tais exemplos evidenciam que as identidades quilombolas não podem ser concebidas como totalidades seladas, mas estão em constante movimento, atravessadas por múltiplas correntes de trocas interculturais que ressignificam suas fronteiras de modos criativos e imprevisíveis.

Em estudo realizado no quilombo Tucum, na Bahia (Eugenio e Lima 2014), foram observados os complexos processos de construção identitária destacando-se como as identidades se constroem a partir da conexão com o território e com a cultura local. Segundo os autores, cerca de 300 famílias quilombolas manifestam na oralidade a memória coletiva da comunidade. Mais do que consanguinidade, a busca pela memória do passado traz o senso de pertencimento, sendo elemento constitutivo da identidade étnica o próprio protagonismo dos indivíduos da comunidade tradicional. Assim sendo, categorizações estanques não se sustentam diante da fluidez e de hibridismos constitutivos das identidades quilombolas, bem como as dicotomias tradicional/moderno e rural/urbano pouco explicam a riqueza de suas experiências identitárias. Antes, revelam, assim, processos contínuos de hibridização, nos quais códigos vistos como antagônicos são ressignificados de formas inventivas no bojo das lutas dessas comunidades por existência digna e reconhecimento.

HIBRIDIZAÇÃO COMO PROCESSO CONTÍNUO

O conceito de hibridismo cultural, como forma de negociação e reconfiguração constante, tem sido explorado em diversos contextos, como, por exemplo, aplicado ao campo da agricultura, especificamente no desenvolvimento de variedades híbridas de feijão (Gonçalves-Vidigal et al., 2008), enquanto Queiroz (2019) e Santos e Flores (2022) examinam a influência do hibridismo cultural nas tradições religiosas, com Queiroz (2019) focando nas tradições católicas e afro-brasileiras e seu impacto na doutrina kardecista, e Santos e Flores

(2022) discutindo a religião Barquinha na Amazônia, que combina elementos das religiões africanas, indígenas e europeias. Mello e Froehlich (2021) estendem essa discussão ao domínio da produção artesanal contemporânea, explorando como as forças globalizantes levaram à hibridização das práticas artesanais tradicionais. Estes estudos destacam coletivamente a natureza dinâmica e transformadora do hibridismo cultural, que desafia as visões essencialistas e enfatiza a fluidez e adaptabilidade das identidades culturais.

A noção de hibridização cultural tem sido amplamente trabalhada por teóricos como forma de desconstruir visões essencialistas e reconhecer os constantes entrelaçamentos e negociações entre diferentes matrizes culturais. Bhabha (1998); desenvolve o conceito de hibridismo como sendo criado à medida em que o tempo avança, tendo suas fronteiras como locais ativos de interseção e sobreposição. Dessa forma, o autor rejeita as perspectivas que encaram as culturas como totalidades autossuficientes, defendendo que todas são constituídas relacionalmente através do que chama de *entre-lugar*, ou seja, o espaço intersticial onde elementos supostamente antagônicos se encontram e se traduzem mutuamente. O hibridismo, portanto, não é uma mera mistura, mas uma reinvenção, um processo de constante negociação e resignificação. Essa noção de hibridismo encontra eco nas formulações de Hall (2003), para quem as identidades culturais não são essências imutáveis, muito menos formadas por modelos fechados, unitários e homogêneos.

O caráter transitório da hibridização é o que permite o constante cruzamento e reconfiguração das identidades culturais. Nessa mesma linha, portanto, reordenam-se as diferenças, sem suprimi-las, pensamento em concordância com Canclini (2001) que define as culturas híbridas como processos de entrecruzamento, confrontação e diálogo nos quais não é possível separar com nitidez a modernidade da tradição. As culturas híbridas emergem, então, como estratégias criativas de negociação e resignificação diante da complexidade incontrolável das trocas globais contemporâneas. Dessa forma, o hibridismo não representa uma condição ou estado final, mas um processo contínuo de intercâmbios, traduções e reinscrições de sentidos. Segundo Hall (2003), trata-se de uma perspectiva que permite compreender as identidades culturais como construções dinâmicas e relacionais, questionando essencialismos e reconhecendo os constantes fluxos diaspóricos.

Longe de serem formações isoladas e hermeticamente selados, os quilombos sempre estiveram em constante diálogo e incorporação criativa de influências externas, em um contínuo processo de hibridização. Sua própria gênese está enredada em complexos trânsitos diaspóricos que amalgamaram distintas práticas, saberes e cosmovisões de diferentes etnias africanas em interseção com as populações indígenas já presentes no território brasileiro (Silva, 2014). Não se trata, no entanto, de reestabelecer um conceito moderno de quilombo, mas sim de ouvir dos próprios quilombolas a respeito de suas identidades e representações sociais, a exemplo do estudo realizado na comunidade quilombola Santa Ifigênia, em Minas Gerais (Carvalho, 2019). A cultura quilombola, e mais amplamente a cultura negra, nasceu e se desenvolveu em um contexto de multiplicidade cultural, recebendo e aglutinando influências. Majoritariamente constituídos por negros, os próprios quilombos também reuniram indígenas, mestiços e brancos (Treccani, 2006). Os cultos de matrizes africanas, por exemplo, sofreram inevitáveis

ressignificações ao serem recriados no Novo Mundo com elementos indígenas e cristãos (Arruda et al., 2019).

Os quilombos formavam-se, portanto, como unidades plurais, incorporando parcelas distintas do universo sociocultural existente. Neste sentido, Ratts (2006) ressalta que os quilombos nunca estiveram totalmente apartados da sociedade colonial, mantendo relações de troca de bens, conhecimentos e pessoas com outros grupos. Além disso, para garantir sua reprodução material e cultural, os quilombos precisavam manter vínculos constantes com comunidades camponesas e mercados urbanos, circulando por esses espaços e incorporando elementos exógenos aos seus modos de vida (Goulart e Tavares 2021). Exemplos etnográficos demonstram que até mesmo grupos considerados mais isolados, como os Kalunga, nos estados de Goiás e Tocantins, vivenciaram hibridismos constitutivos em sua cultura material nas relações de compadrio e nas festas e cultos afro-ameríndios (Marinho, 2017; Alves et al., 2020). Portanto, as culturas quilombolas nunca foram totalidades puras ou imutáveis, mas se constituíram historicamente por meio da criativa intersecção entre diferentes matrizes africanas e ameríndias (Almeida, 2002; Cardoso, 2008). Os quilombos simbolizam essa contínua capacidade de hibridização de distintos patrimônios, material e imaterial, resignificando-os como estratégias de resistência à violência colonial.

É fundamental compreender que a hibridização não representa um estado finalizado ou condição estática das identidades culturais. Trata-se, antes, de um processo dinâmico, contínuo e incessante de trocas, negociações e resignificações entre diferentes repertórios e matrizes simbólicas. Como observa Canclini (2001), a hibridização não é uma coexistência pacífica de elementos heterogêneos, mas uma reestruturação por meio da qual a heterogeneidade persevera. Ainda, a expressão cultural de cada povo tende a se reforçar quando em contato com outras culturas, ou seja, a hibridização não produz mudanças substanciais (Cardoso, 2008), nesse sentido o termo entre-lugar, utilizado por Bhabha (1998), sugere a criação de algo diferente, novo e imprevisível que desafia binarismos cristalizados. É este o lugar da intervenção desestruturadora de hibridização da instância cultural, é a impossibilidade de estagnar o hibridismo frente a essencialismos e hegemônias culturais. De toda forma, de acordo com Cardoso (2008), existem diferentes graus de contato entre as culturas, definidos pelo grau de elaboração de cada cultura que conseqüentemente define como se dará o enfrentamento, ou seja, se a convivência será pacífica ou tumultuada.

Como argumenta Hall (2003), as identidades híbridas são constantemente deslocadas em relação a si mesmas, tornando-se outra coisa além de si mesmas. Nesse sentido, as identidades quilombolas não podem ser vistas como elementos híbridos fixos ou estáveis resultantes do contato colonial. Antes, constituem-se como um perpétuo processo de tradução, nos quais elementos vistos como essenciais ou externos são continuamente desterritorializados e resignificados de formas insurgentes diante de novas conjunturas e desafios colocados. Ovalle e Ribeiro (2018), discutem que as complexas negociações e resistências da diáspora negra no Brasil reforçam esse caráter de incansável devir das culturas quilombolas. Assim sendo, a presença negra em terras brasileiras originou um quilombo de matrizes estéticas, fruto da fértil criatividade de homens e mulheres que buscam identificação com suas origens (Ferreira & Silva, 2022). Portanto, mais do que um resultado ou uma síntese de elementos híbridos, os quilombos

expressam esse interminável processo de existência criativa que se transforma em contínua reconstrução de identidades multifacetadas.

INTERSECÇÕES E MULTIPLICIDADES

Ao caracterizar às complexas dinâmicas de hibridização cultural que constituem as identidades quilombolas, é fundamental reconhecer que estas não se dão em um vácuo social, mas estão profundamente atravessadas por marcadores de diferença como raça, gênero, classe e geração. Esses múltiplos eixos se interseccionam e se codeterminam mutuamente nos processos de subjetivação dessas comunidades, a exemplo do estudo de Pereira (2019) sobre a inclusão dos subintegrados, destacando que a população negra ainda é abordada pelas políticas públicas de forma incipiente. A perspectiva interseccional, cunhada por Crenshaw (1989), já discutia como diferentes vetores de opressão e privilégio se cruzam e articulam de maneiras específicas as experiências vividas por grupos subalternizados. Como argumenta Collins (2015), a interseccionalidade é uma ferramenta analítica indispensável para capturar a profundidade com a qual raça, gênero, sexualidade e etnia se relacionam não como entidades unitárias e exclusivas, mas como entidades que se complementam mutuamente, fenômenos que, por outro lado, criam diferenças sociais complexas.

No caso quilombola, a questão racial é inegavelmente um eixo primordial na conformação de suas identidades híbridas, marcadas pela diáspora africana e pela luta secular contra o racismo estrutural delineado por omissão constitucional (Pereira, 2019). Porém, esse marcador étnico-racial encontra-se permeado por outras clivagens como classe, na medida em que esses grupos experimentam condições de precariedade econômica e subalternização frente ao modelo capitalista e ao reconhecimento da herança cultural negra (Chuva, 2020). Igualmente importantes são as perspectivas de gênero, pois as mulheres quilombolas vivenciam intersecções particulares de racismo, machismo e exploração que moldam suas hibridizações identitárias de formas distintas dos homens (Nascimento et al., 2022; Pereira et al., 2022). Destarte, a manutenção das tradições quilombolas está profundamente relacionada aos esforços e lutas diárias de mulheres negras que buscam reinventar seu lugar social (Rios e Maciel 2021).

Ademais, a dimensão geracional não pode ser ignorada, haja vista as tensões e negociações entre matrizes tradicionais e reinterpretções criativas das juventudes quilombolas que ressignificam elementos da cultura popular urbana em hibridismos com seus patrimônios afro-brasileiros, a exemplo da comunidade Jongo Dito Ribeiro, em São Paulo, e a manifestação de sua identidade por meio da dança e da música (D'Esposito, 2019); e também das práticas corporais como soma de perspectivas culturais e políticas (Goulart & Tavares, 2021). Tais exemplos explicitam que analisar apenas uma dessas dimensões seria insuficiente para capturar as múltiplas camadas que se sobrepõem na constituição das identidades quilombolas enquanto sujeitos situados histórica e politicamente em complexas tramas de poder. Compreender essa natureza interseccional dos hibridismos culturais, com suas referências à raça, gênero e etnia torna-se imprescindível para valorizar as diversidades existentes no interior dessas comunidades, ou como afirma Collins (2015), compreender suas desigualdades sociais complexas.

Ao discutir as identidades quilombolas enquanto híbridas, múltiplas e interseccionais, é fundamental não perder de vista que tais comunidades não constituem blocos monolíticos e homogêneos. Antes, são marcadas por constantes tensões, disputas e negociações internas em torno dos sentidos atribuídos a essas hibridizações identitárias (Crenshaw 1989; Rios e Maciel 2021). Como aponta Arruti (2006), os quilombos modernos não podem ser vistos como totalidades consensuais, mas sim como campos de interlocução. Campos tramados por linhas de divergência tão significativas quanto as afinidades que os percorrem. São distintas trajetórias que se encontram em contínua disputa simbólica pela definição dos sentidos e fronteiras dessas identidades híbridas. Com complexas interações e dinâmicas de poder dentro dessas comunidades que enfatizam ainda mais sua fluidez e resiliência, suas identidades são moldadas pelas trocas ocorridas nas próprias comunidades, relacionando-se aos territórios espaço e condições de sobrevivência. Dessa forma, como destacam Freitas e Santos (2021), os quilombos modernos são entidades dinâmicas e multifacetadas, moldadas por diversos atores e lutas contínuas por identidade e significado.

Silva (2021) destaca o papel das lideranças quilombolas na preservação e reconfiguração das práticas culturais, com foco especificamente nas estratégias de empoderamento de líderes femininas. Oliveira (2013) enfatiza ainda a importância das associações quilombolas na transmissão e preservação do conhecimento cultural, com especial enfoque no papel dessas organizações na manutenção do patrimônio cultural. No entanto, essa natureza dinâmica da liderança na formação e remodelação das tradições culturais nas comunidades quilombolas também pode levar a conflitos de gênero. Quanto às vozes dissidentes de mulheres quilombolas que questionam hierarquias patriarcais e propõem releituras dos papéis femininos, Gonçalves (2021), observa que, inevitavelmente, essas remodelações culturais tensionam determinadas interpretações tradicionais. Apesar das disputas internas atravessadas por questões geracionais e de gênero, alguns autores afirmam que a participação das mulheres como empreendedoras pode produzir mais relações de igualdade nas dinâmicas familiares, a exemplo do estudo realizado na comunidade do Campinho, no Rio de Janeiro, com o turismo étnico (Montero, 2020). Embora existam dificuldades em implantação de projetos, como o turismo étnico, por exemplo, devido ao fato de as comunidades normalmente não serem homogêneas, casos como o da comunidade do Grotão, no Rio de Janeiro, em que aproximadamente 30% dos residentes estão envolvidos no projeto que aborda a cultura quilombola, Lusby e Pinheiro (2019), destacam que a participação da comunidade, mesmo em sua heterogeneidade, pode ser um indicador de seu sucesso.

Hibridismos culturais são constantemente negociados e contestados no seio das próprias comunidades quilombolas por distintos grupos situados interseccionalmente. Longe de implicarem simples aculturação, esses processos tradutórios são terrenos férteis de disputas sobre os sentidos e rotas a serem trilhadas na contínua reinvenção criativa dessas identidades plurais. De acordo com Collins (2015), identidades que se tornam mais visíveis em diferentes momentos históricos, a exemplo de hierarquias raciais que persistem como formas estruturais de poder no Brasil. Ao considerar as identidades quilombolas como processos dinâmicos de hibridização, permeados por intersecções de raça, gênero, classe e geração, torna-se evidente que mesmo no interior de uma única comunidade coexistem múltiplas identidades híbridas



(Crenshaw, 1989). Longe de uma suposta homogeneidade, o que há são diversas experiências, trajetórias e negociações culturais em constante trânsito, de forma que se torna inviável apegar-se a modelos unitários e homogêneos, pois, segundo Hall (2003), o pertencimento cultural é construído em processos amplos que resultam na transformação da própria cultura.

Como observa Bhabha (1998), a rememoração da memória popular é capaz de alterar o presente e, exatamente por isso, torna-se um espaço tanto para a compreensão da identidade quanto para a negociação de novos entendimentos sobre a história. As identidades não são entidades unitárias e estáveis, mas constituídas relacionalmente em meio a complexos entrelaçamentos e negociações contínuas de elementos díspares. Essa multiplicidade de identidades híbridas coexistentes se manifesta, por exemplo, nos distintos modos de como homens e mulheres, de uma mesma comunidade quilombola, incorporam influências externas e ressignificam suas tradições culturais, a exemplo de estudo em comunidade Kalunga que demonstra diferentes organizações territoriais a partir de elementos como a casa e o povoado, a roça e os espaços sagrados (Marinho, 2017). Nesse sentido, Mello e Froehlich (2021) apontam para o território como manifestação de uma dimensão simbólica capaz de representar uma identidade territorial em que novas narrativas são criadas ou reconstituídas como forma de exercer um controle simbólico sobre o próprio território. Esses processos em que estruturas que antes existiam separadamente são combinadas em novas estruturas, são definidos por Canclini (2001) como hibridação e seu ciclo contínuo é chamado por Stross (1999) de ciclo de hibridação.

O conceito de hibridismo na cultura afro-brasileira surge, sobretudo, nas ações de afirmação e construção de identidades, a exemplo do projeto de musicalização quilombola da comunidade Lagoa Rara, em Pernambuco, (Oliveira, 2018) que trabalhou a identidade negra por meio de ritmos como o samba, além de manter as manifestações ancestrais do coco de roda e do ijexá. Ainda no campo da música, como estratégia de valorização da identidade ancestral, o hip-hop demonstra ser uma ferramenta de resistência e empoderamento de jovens marginalizados, particularmente diante da violência (Imbrizi et al., 2019), sendo também capaz de ampliar a consciência da juventude frente a afirmação de sua própria identidade (Silva e Teixeira, 2021). A luta pelo reconhecimento e conservação cultural das comunidades quilombolas tem como ponto principal a educação intercultural como ferramenta de antirracismo e visibilidade cultural (Lima e Crocetta 2019). Essa convivência de múltiplos hibridismos identitários reforça que as comunidades quilombolas não podem ser reduzidas a essencialismos. São, antes, espaços vivos de encontros parciais, negociações e recomposições criativas entre diferentes sujeitos que continuamente ressignificam suas identidades a partir de diversas manifestações interseccionais.

RETERRITORIZAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÕES HÍBRIDAS

Longe de representarem meros resquícios de um passado, os quilombos precisam ser compreendidos como espaços vivos de contínua produção de hibridismos culturais. Como observa Munanga (2015), os quilombos foram espaços organizados como alternativas para uma nova sociedade. Neles, distintas etnias africanas se viram forçadas a reinventar solidariedades comunitárias por meio da negociação e amalgamento transcultural de diferentes saberes e

cosmovisões. Esse caráter de hibridismo pode ser compreendido também na análise de Beatriz Nascimento (1985) sobre os quilombos como espaços territoriais institucionais para o desenvolvimento de uma cultura capaz de transfigurar os símbolos e valores de sociedades inteiras, representando ao mesmo tempo resistência étnica e política. Os quilombos se constituíram, portanto, como culturas de tradução (Bhabha, 1998), em que populações negras escravizadas subverteram os códigos culturais impostos pela hegemonia colonial, resignificando-os em ciclos de transformação que se aproximam dos conceitos de hibridização, a fim de produzir um sentimento de pertencimento à própria cultura transformada.

Essa natureza insurgente dos hibridismos quilombolas é reforçada por Arruti (2006), para quem essas comunidades foram responsáveis por incansáveis movimentos de renovação na cultura de resistência negra, incorporando a própria história como marcador memorial do passado. Mesmo nos quilombos contemporâneos, esse ímpeto contra-hegemônico se renova nas negociações e resignificações propostas pela educação, pois nenhum grupo social é constituído de forma isolada, como observa Carril (2017) há uma dinâmica de conflitos e negociações que reterritorializam a diferença cultural. Compreender os quilombos por essa lente dos hibridismos é ressaltar sua histórica capacidade cultural e política na luta antirracista, promovendo rupturas criativas que desafiam as pretensões de universalidade da modernidade ocidental. Um dos aspectos fundamentais para compreendermos os quilombos como espaços de hibridização reside na capacidade dessas comunidades de se reapropriar e resignificar elementos externos de formas criativas. Longe de simplesmente rejeitar ou assimilar passivamente as influências da sociedade colonial opressora, os quilombolas reinventaram esses códigos a partir de suas próprias lógicas, cosmovisões e demandas de luta.

Essas resignificações híbridas não representaram mera absorção passiva, mas sim atos de reinterpretação por meio dos quais os quilombolas reinventaram elementos externos segundo suas próprias lógicas éticas e políticas de afirmação identitária e luta pela liberdade. Foi uma contínua estratégia de sobrevivência física e cultural através da criatividade transcultural. As identidades quilombolas forjadas através de complexos hibridismos também se expressam em suas relações com os territórios, tanto os espaços tradicionais quanto os novos ambientes urbanos nos quais esses grupos têm cada vez mais circulado. Longe de uma suposta fixidez geográfica, o que se observa são vivências híbridas marcadas por constantes negociações, trânsitos e resignificações territoriais.

Os modos como essas comunidades se relacionam com seus territórios ancestrais são constantemente reelaborados por influências externas. Esses deslocamentos também resignificam os lugares de origem. Conforme analisa Souza (2002), certos quilombos converteram-se em territórios multilocais, com a cooperação, por exemplo, entre negros e índios dando resultado a territórios que se estabeleceram como alianças externas ao controle colonial. Mesmo em casos de especificidades geográficas, os quilombolas desenvolveram estratégias criativas de multiplicação de territorialidades híbridas (Arruti, 2008; Gomes, 2015; Treccani, 2006), subvertendo fronteiras por meios simbólicos, rituais e linguísticos de reterritorialização da diferença. Esses exemplos reforçam que as identidades quilombolas se constituem por meio de hibridizações territoriais que tensionam dicotomias estanques entre



rural/urbano, tradição/modernidade, ressignificando suas relações multilocais com os espaços em um constante devir transcultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quilombos emergiram historicamente como espaços de hibridização, nos quais os negros escravizados subverteram e ressignificaram os códigos culturais impostos. Esse ímpeto de ressignificação híbrida perpassa todas as esferas das experiências quilombolas, desde suas expressões linguísticas, estéticas, territoriais, religiosas, entre outras. Os quilombos, caracterizam-se, sobretudo, por uma contínua capacidade de reinvenção identitária diante dos constantes fluxos, deslocamentos e complexificações contemporâneas. As transformações pelas quais passam os quilombos não representam simples misturas ou sínteses estáveis, mas estratégias dinâmicas e relacionais de tradução cultural forjadas na práxis das lutas antirracistas e contra a violência colonial. Esses hibridismos são profundamente interseccionais, permeados por questões de raça, gênero, classe, geração e contradições dentro dos próprios grupos. Reforçar a necessidade de compreender as identidades quilombolas como híbridas e dinâmicas é essencial para superar equívocos analíticos e formulações de políticas públicas inadequadas. Perspectivas estanques, que insistem em enquadrar essas comunidades em paradigmas de autenticidade pré-concebidos, ameaçam perpetuar sua histórica invisibilização, precariedade e violação de direitos fundamentais.

Enxergar as identidades quilombolas pela lente dos hibridismos implica, primeiramente, reconhecer sua natureza de constante reinvenção e fluidez interativa com distintas matrizes culturais. Significa abandonar essencialismos que as concebem como totalidades seladas, resíduos de um passado imutável ou simples repositórios de tradições. As evidências e os aportes teóricos mobilizados neste trabalho, reforçam que tais comunidades se constituem por meio de complexos processos de negociação, ressignificação criativa e contínua reconfiguração de elementos heterogêneos. Suas identidades estão em permanente estado de transformação, transitando entre diferentes espaços, temporalidades e influências externas.

Reconhecer esse dinamismo híbrido significa valorizar as múltiplas estratégias de sobrevivência física e cultural desenvolvidas por esses grupos ao longo de sua luta por liberdade e afirmação étnico-racial. Assumir tal perspectiva dinâmica também leva a reconhecer as tensões, dissidências, hibridismos intergeracionais e de gênero presentes no interior dessas comunidades. Sobretudo, valoriza suas diversidades internas e os dissensos, negociações e disputas em torno dos sentidos atribuídos a essas identidades em trânsito constante. Somente compreendendo a natureza múltipla, fluida e híbrida das experiências quilombolas contemporâneas, será possível formular políticas inclusivas que reconheçam seus direitos plenos à diferença em suas interfaces com a sociedade abrangente. Assim sendo, incorporar saberes tradicionais, ainda que hibridizados com saberes contemporâneos, em processos de gestão ambiental torna-se fundamental para garantir a proteção dos territórios quilombolas e a sustentabilidade das práticas de manejo da terra.

Processos decisórios devem engajar ativamente diferentes sujeitos interseccionais dessas comunidades como protagonistas. As políticas territoriais e de etnodesenvolvimento



também precisam transcender dicotomias estanques de rural-urbano, reconhecendo os fluxos e multi-territorialidades em que os quilombolas se inserem, garantindo seus direitos em diferentes contextos espaciais. No campo acadêmico, esta análise reforça a necessidade de estudos interdisciplinares, etnografias e abordagens participativas que iluminem as hibridizações identitárias quilombolas em suas complexidades. Investigações interseccionais também se fazem necessárias para compreender as intersecções de raça, gênero e geração que modulam os processos híbridos de identificação nesses grupos. Ouvir vozes de juventudes, mulheres, e lideranças religiosas quilombolas é fundamental para um processo aberto e ao mesmo tempo reflexivo.

Por fim, um olhar atento aos hibridismos quilombolas convida a explorar suas interfaces tanto com movimentos de insurgência decolonial, como com as diásporas negras contemporâneas que ressignificam criativamente referências urbanas, artísticas, midiáticas em projetos de afirmação identitária. Ao reconhecer as complexidades das identidades híbridas quilombolas tem-se ferramentas para combater sua subalternização histórica e formular políticas e pesquisas em prol de uma sociedade antirracista, pluricultural e democrática.

REFERENCES

- ALMEIDA, A. W. B. de. Os Quilombos e as Novas Etnias. Em: **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 43–81.
- ALVES, D. D. M. C.; BERNARTT, M. de L. Trabalho tradicional em comunidade quilombola. **Revista Campo-Território**, v. 15, n. 38, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/rct153811>.
- ALVES, E. D. C.; SILVA JUNIOR, A. R.; ALMEIDA, M. G. de. Identidades territoriais Kalunga da/na Comunidade Quilombola do Mimoso, em Tocantins. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 13, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18468/pracs.2020v13n2.p121-130>.
- ARRUDA, D. A. de; SOUZA, B. D. S.; SANTOS, V. G. dos; LIMA, L. A. A. de; SANTOS, V. G. dos. Uso de plantas medicinais na Umbanda e Candomblé em associação cultural no município de Puxinanã, Paraíba. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 14, n. 5, p. 692–696, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18378/rvads.v14i5.7624>.
- ARRUTI, J. M. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc, 2006.
- ARRUTI, J. M. Quilombos. Em: **Raça: novas perspectivas antropológicas**. Salvador: Editora Ufba, 2008. p. 315–350.
- AUDEBERT, C.; JARDIM, D. F.; JOSEPH, H.; PINHO, O. Negritude e relações raciais: racismo e antirracismos no espaço atlântico. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, n. 63, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832022000200001>.
- BARTH, F. On the Study of Social Change. **American Anthropologist**, v. 69, n. 6, p. 661–669, 1967. DOI: <https://doi.org/10.1525/aa.1967.69.6.02a00020>.
- BESSA-OLIVEIRA, M. A.; SIMÃO, L. R. Duas culturas – arte urbana, índio cidadão – em contextos (in)culturais. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 37, n. 2, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2016v37n2p151>.
- BHABHA, H. **The Location of the Culture**. Routledge, 1998.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estrategias para entrar y salir de la modernidad**. Paidós, 2001.



CARDOSO, B. Hibridismo cultural na América Latina. **Itinerários – Revista de Literatura**, v. 0, n. 27, 2008.

CARNEIRO, E. **O quilombo dos Palmares**. Companhia Editora Nacional, 1957.

CARRIL, L. D. F. B. Os desafios da educação quilombola no Brasil: O território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 539–564, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226927>.

CARVALHO, L. M. História Oral, Territorialidades e Identidades Quilombolas. **Faces da História**, 2019.

CHUVA, M. Entre a herança e a presença: o patrimônio cultural de referência negra no Rio de Janeiro. **Anais do Museu Paulista**, v. 28, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d2e50>.

COLLINS, P. H. Intersectionality's Definitional Dilemmas. In: **Annual Review of Sociology**, v. 41, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-073014-112142>.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex. In: **Feminist Legal Theory: Readings in Law and Gender**, 1989.

D'ESPOSITO, I. Performances afrodescendentes e espaços negros em Campinas. **Confluente**, v. 11, n. 2, p. 109–133, 2019. DOI: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/10270>.

EUGENIO, B. G.; LIMA, K. D. de. A construção da identidade na comunidade remanescente quilombola do Tucum-BA. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 8, n. 13, 2014. DOI: <https://doi.org/10.19177/prppge.v8e132014203-222>.

FERNANDES, M. L.; LOPES, J. J. Território, cultura e educação: a configuração da infância em tempo/espaço outro. **Em Aberto**, v. 31, n. 101, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.31i101.3517>.

FERREIRA, T. de J.; SILVA, M. C. de P. Poética do movimento e interculturalidade quilombola: corpo e danças decoloniais na perspectiva freireana. **Praxis Educativa**, v. 17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.17.18536.018>.

FREITAS, H. Letramentos Negros: O corpo como saber. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 316–328, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v23i2.43499>.

FREITAS, K. N. dos S.; SANTOS, R. de S. A. Law as an instrument of cultural preservation: A socio-legal analysis of the recognition of the quilombola community of Vargem Comprida (BA) as a remaining kilombo land. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 8, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29293/rdfg.v8i01.319>.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala - Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal** (1933a ed.). José Olympio, 1981.

GÓIS, L.; NASCIMENTO, V. A. DO; TRINDADE, I. B.; MIRANDA, Z. C. DE. O Museu do Barro da UFSJ e o resgate da cerâmica Quilombola de Palmital e Jaguará. **Interagir: pensando a extensão**, v. 0, n. 21, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/interag.2016.23574>.

GOMES, F. DOS SANTOS. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. Claro Enigma, 2015.

GONÇALVES, H. T. Mulheres em ação e categorias em movimento: a luta pelo território na Comunidade Ribeirinha do Porto do Capim. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 23, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202125>.

GONÇALVES-VIDIGAL, M. C.; SILVÉRIO, L.; ELIAS, H. T.; VIDIGAL FILHO, P. S.; KVITSCHAL, M. V.; RETUCI, V. S.; DA SILVA, C. R. Combining ability and heterosis in common bean cultivars. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 43, n. 9, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-204X2008000900007>.

GOULART, M. L. S.; TAVARES, O. G. Body practices, quilombola communities and identity: Narrative review. **Retos**, v. 42, p. 406–417, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47197/retos.v42i0.86637>.



- GUSMÃO, N. M. M. DE. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **Cadernos CEDES**, v. 18, n. 43, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0101-32621997000200002>.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG, 2003.
- IMBRIZI, J. M.; MARTINS, E. D. C.; REGHIN, M. G.; PINTO, D. K. DE S.; ARRUDA, D. P. Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, 2019. DOI: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29041.
- LIMA, F. D. S.; CROSETTA, B. B. Entre diásporas e insurgências: a luta antirracista das comunidades quilombolas no Brasil na perspectiva da educação intercultural. **Revista Direitos Culturais**, v. 14, n. 34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20912/rdc.v14i34.3048>.
- LUSBY, C.; PINHEIRO, T. Case study: Tourism in traditional Brazilian Quilombo communities – From theory into practice. **Journal of Global Business Insights**, v. 4, n. 2, p. 119–124, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5038/2640-6489.4.2.1052>.
- MARINHO, T. A. Territorialidade e cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. **Caderno CRH**, v. 30, n. 80, 2017.
- MCCALLUM, C.; BUSTAMANTE, V. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnografica**, v. 16, n. 2, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1476>.
- MELLO, C. L. DE; FROELICH, J. M. Hibridação e tradução cultural em tempos de globalização: reflexões sobre o artesanato contemporâneo em perspectiva territorial. **Polis (Santiago)**, v. 20, n. 59, 2021. DOI: <https://doi.org/10.32735/s0718-6568/2021-n59-1463>.
- MONTERO, C. G. Women Sustaining Community: The Politics of Agro-Ecology in Quilombo Tourism in Southern Brazil. **Bulletin of Latin American Research**, v. 39, n. 2, p. 191–207, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/blr.12884>.
- MOTA, R. DOS S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 2, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1518-70122012000200002>.
- MOURA, C. **A Sociologia do Negro Brasileiro**. Editora Ática, 1968.
- MUNANGA, K. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, 2015.
- MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. Editora Global, 2006.
- NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodíspora**, v. 6 e 7, p. 41–49, 1985.
- NASCIMENTO, V. B.; ARANTES, A. C. V.; CARVALHO, L. G. DE. Vulnerability analysis and quilombola women's health in a mining area in the Amazon. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-1290202210024en>.
- OCAMPO, G. I. ¿Tradición versus modernidad? A propósito de la hacienda en las llanuras del Caribe colombiano. **Boletín de Antropología**, v. 13, n. 30, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.boan.337510>.
- O'DWYER, E. C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Editora FGV, 2002.
- OLIVEIRA, O. M. DE. Comunidades quilombolas no estado do Espírito Santo. **RURIS (Campinas, Online)**, v. 5, n. 2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v5i2.1469>.
- OVALLE, L. A.; RIBEIRO, Y. G. Garantia de direitos e burocracias estatais: mediadores universitários, protagonistas quilombolas e a tradição em disputa. **Horizontes Antropológicos**, v. 24, n. 50, p. 215–242, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832018000100008>.



- PAIM, R. DE C. S. et al. Expedição ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: um Relato de Experiência. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC): revista de la Solcha**, v. 13, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2023v13i2.p309-320>.
- PEREIRA, A. DOS S.; ALLEGRETTI, M.; MAGALHÃES, L. We, quilombola women, know each other's pain: an investigation on sisterhood and occupation. **Brazilian Journal of Occupational Therapy**, v. 30, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.CTOAO254033182>.
- PEREIRA, C. DA S.; OLIVEIRA, A. M. DE. A titulação coletiva de terras quilombolas e os conflitos por direitos territoriais no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. **Ateliê Geográfico**, v. 13, n. 1, p. 150–169, 2019.
- PEREIRA, P. F. S. A cor dos subintegrados e a omissão do constitucionalismo: Entre reconhecimento e inclusão das comunidades quilombolas. **Publicum**, v. 5, n. 1, p. 192–220, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/publicum.2019.41779>.
- QUEIROZ, E. J. DE. Hibridismo religioso: as tradições católicas, afro-brasileiras e o espiritismo. Em: **Teologia das religiões**, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.68119240110>.
- QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. Em: **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, 2005.
- RAMOS, A. **O Negro na Civilização Brasileira**. Casa do Estudante Brasileiro, 1953.
- RATTS, A. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Imprensa Social, 2006.
- REIS, J. J.; GOMES, F. DOS S. Uma história da liberdade. Em: **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIOS, F.; MACIEL, R. Brazilian Black Feminism in Rural and Urban Spaces. **Agrarian South**, v. 10, n. 1, p. 59–85, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/22779760211006868>.
- RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.
- SANTOS, J. B. DOS. Gender Relations and Pottery in the Quilombola Community of Olaria, in Irara-Bahia. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 1, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5212/rlagg.v.1.i1.134147>.
- SANTOS, R. A. DOS; FLORES, D. Hibridismo Cultural Acreano: uma reflexão histórica e conceitual sobre a religião da Barquinha. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 11, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5380/rt.v11i1.85906>.
- SILVA, C. R.; TEIXEIRA, D. I. V. Hip-hop é uma só família: processo criativo, produção cultural e militância. **Políticas Culturais em Revista**, v. 14, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/pcr.v14i2.38271>.
- SILVA, D. C. Reconhecimento, participação política e mercado étnico: lideranças quilombolas e o empoderamento feminino. **Revista Debates Insubmissos**, v. 4, n. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.32359/debin2021.v4.n12.p31-64>.
- SILVA, C. L. DA. Compartimentos quilombolas e a luta por direitos no estado do Paraná (Brasil). **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 4, n. 1, 2014. DOI: <https://doi.org/10.54446/bcg.v4i1.172>.
- SILVA, G. V. DA; TOMAZI, M. M. O reflexo das desigualdades materiais e simbólicas no discurso sobre a titulação de territórios quilombolas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 20, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v20i2.27146>.
- SILVA, G.; SOUZA, B. O. Quilombos in Brazil and the Americas: Black Resistance in Historical Perspective. **Agrarian South**, v. 11, n. 1, p. 112–133, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/22779760211072193>.
- SOUZA, V. R. F. DE P. Conceição das Crioulas, Salgueiro (PE). Em: **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**, p. 109–140. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.



STROSS, B. The Hybrid Metaphor: From Biology to Culture. **Journal of American Folklore**, v. 112, n. 445, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/541361>.

TEIXEIRA, M. C. Alteridade & identidade em Para entender o negro no Brasil de hoje, de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes. **Revista de Ciências do Estado**, v. 2, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.35699/2525-8036.2017.5055>.

TRECCANI, G. D. **Terras de Quilombo: Caminhos e entraves do processo de titulação**. Edição do autor, 2006.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Fabio Gimovski

Concepção e Design do Estudo, Metodologia, Curadoria de Dados, Investigação, Análise Formal, Revisão e Edição Final

Cíntia Mara Ribas de Oliveira

Redação - Revisão Crítica, Supervisão

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Nós, **Fabio Gimovski e Cíntia Mara Ribas de Oliveira** declaramos que o manuscrito intitulado: **Identities Quilombolas: repensando a hibridização além das dicotomias**

Vínculos Financeiros: Não possui vínculos financeiros que possam influenciar os resultados ou interpretação do trabalho. Este trabalho foi financiado por: Projeto No. 88887.798674/2022-00 – Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação no Estado do Paraná nas áreas de Agricultura & Agronegócio e Desenvolvimento Sustentável (Parcerias Estratégicas – Capes/Fundação Araucária)

Relações Profissionais: Não possui relações profissionais que possam impactar na análise, interpretação ou apresentação dos resultados.

Conflitos Pessoais: Não possui conflitos de interesse pessoais relacionados ao conteúdo do manuscrito.